

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



Paula Szuchmacher Huf

**Bobé Mayse – Histórias de avós, seus netos e sua língua.**

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Coordenação Central de Extensão  
Curso de Especialização em Educação  
Infantil: Perspectivas de Trabalho em  
Creches e Pré-Escolas

Orientadora: Prof. Dr. Sonia Kramer

Rio de Janeiro,  
Dezembro de 2017



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



Paula Szuchmacher Huf

## **Bobé Mayse – Histórias de avós, seus netos e sua língua.**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Coordenação Central de Extensão  
Curso de Especialização em Educação  
Infantil: Perspectivas de Trabalho em  
Creches e Pré-Escolas

Orientadora: Prof. Dr. Sonia Kramer

Rio de Janeiro,  
Dezembro de 2017



*Certa vez ouvi que “alguns são culpados, mas todos são responsáveis”,  
Abraham Joshua Heschel.*

*Dedico este trabalho à minha avó, cuja família, identidade e memória foram  
destruídos pelo pior da humanidade.*

## **Agradecimentos**

Primeiramente gostaria de agradecer enormemente a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Como minha segunda casa por quase uma década, foi graças ao apoio, não só financeiro, mas intelectual e acadêmico que este trabalho pode ser realizado.

Sem os incentivos e apoios da Universidade em todas as escalas, a retomada do estudo e ensino da Língua Yiddish não poderia acontecer! Foi aqui que encontrei espaço para atuar de forma resistente por algo que julgo tão fundamental ao ser humano, Memória!

Quero agradecer também ao Departamento de Educação da PUC-Rio, especialmente aos professores Ralph, Alicia e Cristina que apoiaram tanto o projeto “Yiddish como resistência e experiência identitária”. Sem vocês nada seria possível. Agradeço também de coração ao Eduardo, Marnie e Sandra, que durante meses nos ajudaram tanto com sorrisos e cuidado.

Agradeço muitíssimo ao meu pai, Flavio Carlos Huf, por ter me apoiado em todos os momentos e que sempre esteve do meu lado, à quem eu devo esta especialização, como todos os títulos que já recebi em minha vida.

Ao meu falecido avô, quem não pode presenciar este momento mas que sempre esteve presente na realização deste trabalho.

Ao YIVO – Institute for Jewish Research, pela bolsa concedida para a realização de um sonho tão antigo e tão importante na minha formação pessoal e acadêmica.

Ao Workmen’s Circle, por todo apoio, cuidado e carinho em nos receber e compartilhar experiências com o ensino da língua Yiddish para crianças, jovens e adultos!

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação Infantil pelas aulas maravilhosas e inspiradoras e principalmente, pela paciência em receber uma geografa!

Ao grupo INFOC, onde fui tão bem recebida por todos os integrantes!

Por último e mais importante, Quero agradecer do fundo do meu coração à Professora Sonia Kramer por tudo! Por ter me recebido tão bem e ter acreditado e confiado em mim! Por ter possibilitado realizar um sonho tão

antigo e que me motiva tanto! Essa monografia só pode acontecer graças ao seu esforço e competência.

## **Resumo**

O presente trabalho teve como objetivo principal analisar e compreender os motivos pessoais, sociais e históricos que levaram as avós judias a ensinarem ou não a língua Yiddish aos seus netos e/ou filhos quando estes eram pequenos. Compreender os discursos utilizados por elas e gerar hipóteses para esses acontecimentos. Para isso, a metodologia de Histórias de Vida foi utilizada com o apoio de ferramentas como entrevistas abertas, bibliografia sobre a relação de avós e netos, e acervo pessoal de fotos.

**Palavras chave:** Avós – netos – escolas – crianças – Yiddish – cultura

## Sumário

Introdução.....	7
Capítulo 1 – As montanhas douradas da Polônia.....	9
Capítulo 2 - Guerra das Línguas.....	14
2.1 Língua Sagrada.....	14
2.2 Língua Amalgama.....	15
2.3 A língua no Brasil.....	16
Capítulo 3 - Histórias que contamos sobre nós e sobre o outro.....	20
3.1 Elca.....	22
3.2 Toba.....	24
Para Refletir.....	27
Referências Bibliográficas.....	30

## Introdução

Este trabalho está vinculado ao projeto “Yiddish como resistência e experiência identitária” do grupo de pesquisa GLYK (vinculado ao CNPQ). Surgindo da necessidade de compreender os caminhos e motivos que levaram avós judias, em especial moradoras da cidade do Rio de Janeiro, a não ensinarem a Língua Yiddish (sua língua materna) a seus filhos e, hoje em dia, netos.

*“Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história.”*  
(BENJAMIN, 2012, p.205)

Durante a realização do curso de Especialização em Educação Infantil fui aluna em alguns cursos de e sobre a língua Yiddish foram realizados, entre eles o curso de verão no YIVO - Institute for Jewish Research, localizado na cidade de Nova York.

Dito isso, é importante ressaltar a escolha deste curso e sua localização. Nova York foi a cidade a receber o maior número de imigrantes judeus vindos do continente europeu desde o final do século XIX e primeira metade do século XX. Cerca de três milhões de pessoas emigraram para a cidade que hoje tem em sua história e cotidiano a língua Yiddish viva e presente, sendo um polo de referência e resistência, tanto acadêmica quanto étnica.

Além deste, outros cursos também foram realizados em parceria com o Instituto Workmen’s Circle, também sediado em Nova York e de extrema relevância para a preservação da língua no mundo todo.

Assim, para a realização desta monografia, pretendo trabalhar com a metodologia de Histórias de Vida, não visando estabelecer dados quantitativos, como por exemplo, quantas mulheres com mais de 65 anos falam e/ou escrevem Yiddish na cidade do Rio, mas sim analisar os caminhos que as

levaram a interromper o ensino e a transmissão de uma língua com mais de mil anos de idade, que atravessou o continente europeu asiático e apresenta, até hoje, variações dialetais.

“O ídiche, tal como um certo número de outras línguas européias, emergiu por volta do ano 1000. Weinreich situa o berço desse idioma nas cidades de médio Reno, século IX ou X, no reino carolíngio.”  
(HARSHAV, 1994. p. 5).

Dessa forma, este primeiro capítulo da monografia apresenta uma pequena parte da minha história com minha avó, Clara Goldberg Huf. Falante nativa da língua que, por motivos explicitados abaixo, não ensinou a seus filhos e netos a língua de seus pais, irmãos e avós.

O segundo capítulo fará uma breve síntese sobre a língua. O terceiro capítulo traz uma reflexão teórico-metodológica sobre a importância das relações entre avós e netos no processo de construção de identidade das crianças pequenas inseridas dentro de uma determinada cultura/etnia e analisa também relatos de duas avós entrevistadas.

As conclusões por sua vez levantam alguns dos motivos que levaram mulheres judias à não ensinar sua língua para seus filhos e netos, quando crianças.

## Capítulo 1 - As montanhas douradas da Polônia.

Este primeiro capítulo contém, de forma breve, um pouco da história de vida de Clara Goldberg, minha avó paterna, e sua relação com meu pai, tios, primos e eu. Aqui pretendo apresentar os motivos que me levaram a escolha deste objeto de estudo, assim como a metodologia de histórias de vida para análise do trabalho.

Naturais da Polônia, os pais de Clara, Sura Laja Weibman e Leib Malech Goldberg, nasceram em Janov Lubelsky e Opole, e residiam em Lublin junto com seus quatro filhos, Brucha, Ita, Chaim e Clara Goldberg (os quatro irmãos tinham entre um e quinze anos de idade), quando em 1937 fugiram para o Brasil com medo das perseguições nazistas na Europa.



(Foto de arquivo pessoal. Da esquerda para a direita: Sura Laja, Ita, Chaim e Brucha)

De família mais religiosa e tradicional, minha avó relata que a vida na Polônia era confortável, com posse de fazendas e moinhos, e que sua família jamais imaginou deixar a Europa. Seu relato vai na direção do que afirma Harshav:

“Na Polônia dos séculos XVI e XVII, um autônomo “Estado dentro do Estado” judaico, configurado pela Assembléia dos Quatro Países, uma espécie de Parlamento Judaico responsável pela imposição de leis entre os judeus, centralizava a coleta de taxas e a coordenação de todos os negócios internos das coletividades judaicas.” (HARSHAV, 1994. p. 7).

Conta também acerca da vida judaica, com escolas religiosas que seus irmãos mais velhos frequentavam à tarde, após a escola tradicional, Escola Beit Yacov, que era no período da manhã.

A vida da *Kehila* (palavra que, tanto em Hebraico como em Yiddish, significa comunidade Judaica). era muito ativa e forte, e assim como em outros lugares da Europa, o Yiddish era a língua falada em casa, nas sinagogas e nas praças do Shtetl (vilas e pequenas cidades de população judia do Leste Europeu).

“O Yiddish é uma língua de fusão de três línguas: alemão (que lhe deu a gramática e a fonética), Hebraico (o alfabeto é usado na escrita e muitas palavras entraram para o vocabulário do Yiddish) e línguas eslavas (palavras entraram no vocabulário do Yiddish). Formou-se em um contexto de plurilinguismo: os falantes do Yiddish viviam em lugares em que se falavam várias línguas. Daí sua riqueza e abertura para outras línguas, presentes na extensa produção literária em romances, contos, poemas, no teatro, no cinema, na música, nos jornais, na cultura popular - o Yiddishkeit - e seus textos de sabedoria, provérbios, anedotas, xingamentos e bênçãos, tristeza e sofrimento, mas também humor judaico, alegria, ironia.” (KRAMER, et alli, 2017, p, 4).

Aqui é importante comentar que, apesar das duas línguas serem bem diferentes, muitas palavras do vocabulário Hebraico foram anexadas ao Yiddish ao longo de seus mais de mil anos de existência, essas palavras chamamos de Lashon Khodesh.

“Após a destruição do primeiro Templo, aproximadamente em 450 A.C. os judeus foram exilados para a Babilônia. Após setenta anos de exílio, muitos deles retornaram a Terra de Israel.

Contudo, a maioria dos judeus permaneceu na Babilônia. Os judeus que se encontravam na Terra de Israel foram novamente levados a diáspora em setenta depois de Cristo, desta vez pelos romanos. O exílio romano criou comunidades na Europa e no norte da África.” ([www.pt.chabad.org](http://www.pt.chabad.org))

Assim como grande parte da população judia do Leste Europeu, Clara e seus familiares falavam não só a língua local, o polonês, mas acabavam por compreender também o ucraniano, o russo, e ainda tinham, principalmente, o Hebraico como língua sagrada, restrita apenas para os momentos religiosos e festividades, e o Yiddish como sua *mame lushn* (língua materna em Yiddish).

Como diz a música Yiddish “A Kind a Goldene” (uma criança de ouro, escrita por Abraham Reisen, 1875-1953),

*“A tsore mit di shprakh no, shprakh on a shir, yorn hot dos kind nor dray, um shprakhn hot es fir.*

Qual problema pode ter uma criança judia de apenas e anos que vive em Varsóvia? O seu único problema é com as línguas, são tantas línguas para uma crianças de apenas três anos que fala quatro línguas diferentes.” (MLOTEK, p. 17)

O Yiddish, por sua vez, era a língua do cotidiano, a língua que os identificava como judeus e os reunia através de toda a cultura que carregava e carrega até os dias de hoje.

Porém, segundo o relato de Clara, com o crescimento do antissemitismo e da cada vez maior perseguição aos judeus na Europa, a vida confortável, tranquila e comunitária ficou cada vez mais frágil e perigosa, levando muitos judeus a fugirem para o continente americano com o que pudessem carregar nos braços dentro dos navios.

É aqui, na fuga e no medo da intolerância religiosa, que a história de Clara se confunde e se entrelaça com a minha. Foi na tentativa de construir uma nova vida, e conseqüentemente de novas histórias e, que escolhas foram

tomadas, uma tentativa de deixar a morte e a dor de lado para criar novas tradições.

Ao chegar ao Brasil, especificamente, ao Porto da cidade do Rio de Janeiro, a família de Clara se instalou na Zona Norte da cidade, bairro do Estácio, região de atração da população judia refugiada da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), devido ao grande número de instituições religiosas e de apoio construídas pela própria Kehila.

“Com uma população de 23 milhões de habitantes em 1850, os Estados Unidos receberam 34 milhões de imigrantes entre 1850 e 1924, ano em que o Congresso norte-americano aprovou a Lei Johnson-Reed, restringindo a imigração. Os números do Brasil foram mais modestos, mas também significativos. Para uma população de cerca de 10 milhões de habitantes em 1872, o Brasil recebeu pouco mais de 4 milhões de imigrantes entre 1884 e 1939. Entre 1872 e 1939, cerca de 65 mil de tais imigrantes eram judeus, em sua maioria ashkenazitas.” (LIMONCIC, 2017. p. 3).

Como cemitérios, sinagogas, orfanatos e clubes sempre estiveram presentes na vida comunitária judaica na Europa, não seria diferente no Rio de Janeiro. De acordo com Limoncic (2017), “a efervescência cultural, política e social da comunidade judaica do Rio de Janeiro seria profundamente atingida, assim como as vidas de todos os brasileiros”.

Logo quando chegaram, Clara e seus irmãos se matricularam na Escola Judaica Talmud Torah e ingressaram no Movimento Juvenil Judaico Bnei Akiva, existente até os dias de hoje. Foi aqui, dentro das instituições da Kehila, onde os judeus imigrantes se sentiam seguros, que minha avó conheceu meu avô aos 15 anos. E estão juntos até hoje, Danktze Got! (expressão idiomática em Yiddish para “Graças a Deus”).

Anos mais tarde, Clara já adulta, casada e com dois filhos pequenos, Clara procurou por escolas judaicas para seus filhos perto de sua casa. A escola escolhida foi o Colégio Scholem Aleichem, localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

Essa escola, além de judaica, se apresentava também como uma instituição claramente de esquerda e, naquele momento, com um discurso antissionista. Lá a língua Yiddish fazia parte do currículo escolar, assim como outros conteúdos do Yiddishkeyt (Cultura Yiddish).

Como é de se esperar, meu pai e tia também estudaram em escolas judaicas, Scholem Aleichem (Educação Infantil) e mais tarde nas escolas Hertzilia e Talmud-Torah (Fundamental I e Ensino Médio, respectivamente). Escolas judaicas fundadas por imigrantes judeus vindos da Europa na primeira metade do século XX.

Porém, algo aqui mudou: a língua trazida da Europa, a língua falada nas casas e praças começou a sair do cotidiano judaico e junto com ela as lendas, músicas e o folclore Ashkenazi foram sumindo, deixados de lado para a construção de uma nova tradição e identidade dita mais forte, de alegria e de vida.

As comunidades europeias estavam concentradas entre a Alemanha e os Montes Urais, essa população judaica ficou conhecida como *Ashkenazim* (palavra derivada de Ashkenazi, Alemanha em Hebraico).

## Capítulo 2 - Guerra das Línguas

### 2.1 Língua Sagrada

O Hebraico tomou esse lugar da língua dos Judeus, o que antes era considerado como a “Língua Sagrada”, *Lashon Hakodesh* e, até mesmo língua em declínio, passou a ser a língua oficial de Israel. Que fundado em 1948, precisava construir uma identidade nacional e coletiva onde fosse priorizada a alegria e a força.

Porém, aqui é preciso advertir que a língua hebraica adotada e utilizada pelo Estado de Israel não se caracteriza pelo Hebraico bíblico, uma vez que passou pelo processo de modernização da língua no início do século XX.

Inclusive hoje, existe a discussão, entre os linguistas que estudam o Hebraico moderno, de que a língua não poderia mais ser reconhecida como Semítica (As línguas semíticas são a família mais ao nordeste das línguas camito-semíticas. As línguas semíticas mais comuns faladas hoje são a língua árabe, o amárico, o aramaico, o hebraico e a língua tigrínia), uma vez que sofreu e ainda sofre influência das línguas europeias que permeiam a fala e o vocabulário israelense.

É nesse contexto que a língua Yiddish passa a carregar características de língua morta, língua “cadáver” e o Hebraico toma lugar como língua oficial do povo judeu, tanto no novo Estado-Nação israelense, como na diáspora.

“A expressão *mame-loschn* (língua da mamãe) é um típico composto ídiche de raízes eslavas e hebraicas, conotando o calor da família judaica, tal como simbolizada pela mãe e sua linguagem, a abraçar e neutralizar a reverente e erudita Língua Sagrada do pai. (A alcunha popular do ídiche é diamtralmente oposta ao termo sociológico empregado no ídiche moderno, o frio e germanizante *muter-schprach* (“língua mãe).” (HARSHAV. p. 20. 1994).

Retomando a discussão sobre a Língua Yiddish, podemos afirmar sua característica primordial como língua e, não apenas, dialeto de origem germânica. O Yiddish é uma língua com mais de mil anos de existência, com marcas profundas de modificações de origem geográfico culturais por onde passou.

“Nos termos da reconstrução de Max Weinreich, o ídiche, tal como um certo número de línguas europeias, emergiu por volta do ano 1000. Weinreich situa o berço desse idioma nas cidades do médio Reno, século IX ou X, no reino Carolíngio.” (HARSHAV, B. p. 5, 1994).

## 2.2 Língua Amalgama

A língua Yiddish se constitui principalmente como língua amálgama. Com a gramática oriunda do Alto Alemão (Alemão medieval, arcaico), grafia tomada do Hebraico (as letras utilizadas são do alfabeto hebraico, apesar das consoantes manterem seus fonemas originais, diferente da língua hebraica, o Yiddish usa consoantes como vogais) e léxico vindo das línguas eslavas (russo, polonês e ucraniano, por exemplo) e hebraico bíblico.

Língua presente em praticamente todo o leste europeu, abarcando grande parte da Alemanha até os Montes Urais no Império Russo, o Yiddish foi fundindo palavras, expressões idiomáticas, ditados populares... de todas as partes por onde era falado. Ao longo de seus mais de mil anos de existência, a língua foi sendo transformada e variações dialetais foram sendo consolidadas na Europa pré Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

“No último milênio a língua ídiche constituiu o principal veículo original de comunicação interna criado pelos judeus asquenazitas na Europa. Intermediava entre as suas vidas cotidianas e a herança religiosa e educacional hebraica, de um lado, e os idiomas e crenças do circundante mundo cristão, de outro.” (HARSHAV, B. XVII, 1994).

Hoje ainda podemos reconhecer quatro dos dialetos que foram formados ao longo do tempo. São eles o *Litvak*, falado na região da atual Lituânia, o

*Poylish*, utilizado na parte mais desenvolvida da atual Polônia, como Varsóvia e Lublin. Ainda na atual Polônia, tínhamos também o a variação dialetal *Volini*, falado, principalmente, nas comunidades rurais e/ou mais empobrecidas conhecidas como *Shtetl*.

Há também um quarto e mais recente dialeto da língua Yiddish utilizado. Chamado de Yiddish Clal (Yiddish Padrão), essa variação foi desenvolvida no século XX com o intuito de padronizar a língua com o objetivo de ensino e aprendizado.

Aqui é importante ressaltar que nenhum dialeto é mais valioso ou importante que outro. As principais diferenças reconhecidas entre eles aparecem na fonética das palavras que tem a mesma escrita. Como por exemplo a tradução do número um (1), em Yiddish escrito (transliterado) é *Eins*. Tanto na variação Litvak como na Clal, falamos *Eins*, enquanto no *Poylish* e no *Volini*, a fonética se faz com A, *Ains*.

Como dito anteriormente, cerca de 65 mil judeus chegaram aos portos brasileiros na primeira metade do século XX. Grande parte deles, falantes da variação dialetal *Poylish* e *Volini*.

### **2.3 A língua no Brasil**

Após o extermínio do Holocausto, o Yiddish ficou marcado como a língua da morte e do sofrimento. A nova vida dos Judeus, tanto nos continentes europeu e americano, como no recém construído Estado de Israel, precisava de uma nova língua. O Yiddish já não servia mais. Foi preciso então construir uma nova língua, que não carregasse a alcunha de “Língua Cadáver”.

*“Gosto de escrever histórias de fantasmas e nada se encaixa melhor num fantasma do que uma língua morta. Quanto mais morta é a língua, mais vivo é o fantasma. Fantasmas amam o Yiddish e, até onde eu saiba, todos os dominam.”* (Discurso de Isaac Bashevis Singer, 10 de Dezembro de 1978).

Assim, a “guerra das línguas” teve início na virada do século XIX para o século XX, onde Yiddishistas e Hebraístas lutam ou pela preservação do Yiddish, língua dos judeus Ashkenazim, perseguidos e assassinados no Holocausto, detentora de toda uma cultura (Yiddishkeit) com músicas, literatura, teatro, folclore e tradições ou, então, pela construção de um Hebraico moderno, capaz de “carregar as alegrias da nova vida judaica na terra do leite e do mel”, sendo que:

*“Por dois mil anos o hebraico foi considerado uma língua morta. Subitamente ele se tornou estranhamente vivo. O que aconteceu ao hebraico pode também ocorrer ao Yiddish um dia.”* (Discurso de Isaac Bahsevis Singer, 10 de Dezembro de 1978).

Assim, a construção de novas tradições tem início. O ensino do Yiddish nas escolas judaicas do Rio dá lugar à língua hebraica que se torna oficial no currículo das escolas Judaicas no Brasil.

“Hoje, há cinco escolas judaicas na cidade do Rio de Janeiro. Duas ainda ensinavam Yiddish no final da década de 1980 e início dos anos de 1990 quando, por razões de identidade nacional, as escolas passaram a priorizar o Hebraico. Atualmente, nenhuma das escolas situadas no Rio de Janeiro dá aulas de Yiddish, pouco ou quase nada se lê de literatura Yiddish - disponível em livros publicados em português -, não se tocam canções em Yiddish nas aulas de música, apesar do imenso repertório a que se pode ter acesso pela internet. Não há professores de Yiddish com menos de setenta anos de idade na cidade do Rio de Janeiro.” (KRAMER, et alli, 2017. p. 4).

Foi nesse cenário que frequentei escolas judaicas, desde a mais religiosa da cidade até a mais secular. O Hebraico era ensinado desde a Educação infantil até os últimos anos do Ensino Fundamental. Músicas, livros, festas... tudo era ensinado em Hebraico, a própria religião se mesclava com a língua. Já ao Yiddish restaram apenas algumas as casas.

Criada por minha avó, estava acostumada a ouvir a língua Yiddish nas suas conversas com as irmãs mais velhas, nas comidas tradicionais vindas da Europa, nos xingamentos e apelidos que meu avô dizia. Conseguia identificar algumas frases, ordens e dizeres de minha avó, mas nunca, de fato, aprendi a língua.

Neta de imigrantes judeus da Polônia, cresci em uma família onde não só a língua, mas a cultura Yiddish (Yiddishkeyt) estava presente em casa. Ao longo dos anos, expressões como "*Sheynem Dank*" (muito obrigado), "*Gay Shlofon*" (*vai dormir*), "*Royte Ponim*" (rosto vermelho) e "*Shikse*" (empregada) estavam em minha vida e ouvidos, mas a língua de meus avós não era algo sobre o qual eu detinha domínio e isso me causa muita tristeza! Como eu poderia deixar suas memórias morrerem sem tentar?

O Yiddish sempre esteve em minha vida, minhas mais antigas lembranças estão entrelaçadas com ele, mas ele nunca me pertenceu de fato. Ao questionar minha avó sobre os motivos de nunca ter ensinado sua *Mame Loschn* (Língua Materna em Yiddish) a seus filhos e netos, me deparei com respostas abertas e pouco concretas.

Uma delas, segundo Clara, é que ao longo dos anos de 1960 e 1970, a língua Yiddish foi tida como "coisa de comunista". De acordo com minha avó, a única escola judaica da época que ensinava a língua era o Colégio Israelita Scholem Aleichem (cujo nome é em homenagem a um dos grandes nomes da literatura Yiddish do século XX), conhecida por ter uma vertente ideológica de esquerda, num momento de Ditadura Militar no Brasil.

Assim como na Ditadura do Estado Novo de Vargas, 1937 a 1945, a língua Yiddish foi entendida pelo caráter de esquerda do Judaísmo Progressista, sendo perseguida e muitas vezes proibida no período da Ditadura Militar, 1964 a 1985.

Pensando a respeito dos motivos que impediram Clara de transmitir o Yiddish e de contar sobre suas experiências com a língua, trago Benjamin (2012) para contribuir com essa produção, relacionando sua crítica a respeito

da modernidade à perda da capacidade de contar histórias, recriar tradições e construir novas lembranças.

“Walter Benjamin (1993) analisa o conceito de narrativa, do seu significado histórico-sociológico, e afirma que com a chegada dos tempos modernos o homem está perdendo a sua capacidade de narrar as suas experiências e de contar histórias, dificultando, assim, a troca de vivências e a construção de uma visão crítica da história.” (CAMPOS, 2016, p.25)

Com a modernidade, o intercâmbio de experiências se esvazia, impedindo a troca e o conhecimento de outras histórias. Para Benjamin (2012) por meio da rememoração é possível tornarmos visíveis histórias que podiam nunca ter sido contadas além de possibilitar um diálogo com o passado permitindo um agir sobre o presente.

Ainda segundo Benjamin (2012), a memória é uma maneira de transmissão de saber e entrar em contato com ela revela detalhes do período histórico em que Clara vive. Uma vez que

“o declínio da experiência provoca o desaparecimento da arte de narrar e que, a fim de escovar a história a contrapelo e romper com sua condição de autômato, o homem precisa rememorar. O que fica, pois, no centro da cena é a linguagem, a narrativa” (KRAMER, 2008, p.296).

Pensando nessas narrativas, a principal ferramenta metodológica utilizada neste estudo monográfico será a realização de entrevistas com avós falantes da língua Yiddish, uma vez que, segundo Kramer (2001, p.177) “a entrevista recupera a trajetória do sujeito e, ao mesmo tempo, insere e abre um novo espaço ou um espaço para o novo na própria história de cada um”.

### Capítulo 3 - Histórias que contamos sobre nós e sobre o outro

O terceiro capítulo faz uma breve relação teórico metodológica entre a presença das avós no processo de construção de identidade das crianças pequenas e a história de vida de duas avós judias e traz relatos de duas entrevistadas.

Para isso, a metodologia escolhida para a construção deste capítulo foi de entrevistas semi estruturadas, realizadas com duas senhoras que, para preservar suas identidades, utilizaremos os pseudônimos Elca e Toba.

Foi através dessas entrevistas, que conseguimos colher informações sobre as histórias de suas famílias, quando e de onde vieram, qual variação dialetal da língua Yiddish aprenderam na infância e na escola, e o mais importante, identificar os possíveis motivos que as levaram a não ensinar seus filhos e netos, ainda pequenas a língua que conta suas próprias histórias de vida.

Para isso retomamos a discussão sobre a importância da presença das avós na vida das crianças pequenas. De acordo com Kramer:

“Intenção e vínculo entre avós e netos foram uma força e um apoio constantes quando, além de professores e pesquisadores, decidimos nos tornar pai e mãe. Meus pais tiveram participação ativa na educação das nossas filhas: cuidavam, buscavam, levavam, ficavam com os netos desde cedo. Transmitiram afetos, conhecimentos e valores;(…) Eram parceiros no jogo, avós e netos.” (Kramer, S. 2016, p.5)

A presença de avós se mostra não só interessante para a convivência com as crianças pequenas, ao ocupar o tempo que os pais estão trabalhando, mas também de extrema importância para a transmissão de valores. Afetos que atravessam o contexto da casa e da família.

Ao longo do século XX e início do século XXI, com a entrada maciça da mulher no mercado de trabalho, a presença das avós na convivência e

participação nos núcleos familiares se tornou muito mais frequente. A convivência com a segunda geração familiar não ficou mais restrita aos finais de semana e/ou feriados. Vemos cotidianamente avós levando seus netos para creches e escolas, atividades físicas e festas.

Percebemos também que

“atualmente, número menor de netos potenciais entra em relação com número crescente de avós. No passado havia muitos avós de idade avançada e saúde precária, enquanto atualmente a quantidade de avós cada vez mais jovens proporciona maior contexto relacional” (CASTRO, p. 14. 1998).

As avós não são mais as figuras do passado, lembradas muitas vezes como uma figura de cabelos brancos e corpos frágeis. Os avanços da medicina e o cuidado frequente com o corpo, transformaram a relação entre avós e netos como podemos ver em Oliveira *et ali* que,

“O papel do idoso tem sofrido modificações, tanto no âmbito social quanto no familiar. Aumentaram o número de avós e o número de anos que as pessoas vivem como avós. A avosidade, definida como laço de parentesco, está intimamente ligada às funções materna e paterna, das quais, entretanto, se diferencia, exercendo papel determinante na formação do sujeito.” (OLIVEIRA, A. et ali, p. 461, 2010).

Por mais que a relação entre avós e netos esteja intimamente ligada as funções parentais, o papel dos avós, no nosso caso, das avós judias, se diferencia e se torna determinante na construção dos sujeitos durante a infância.

Ainda de acordo com Oliveira,

A arte de ser avó é vista como aspecto privilegiado da habilidade de ser pais de filhos adultos, partilhando ideias e experiências dentro da nova condição de simetria que os filhos atingem ao se tornarem pai<sup>1</sup>.

Ao aproximar gerações, são quebradas barreiras, eliminados preconceitos e vencidas discriminações<sup>2</sup>.” (OLIVEIRA, A. et ali, p. 462, 2010).

É na relação de proximidade com as avós que as crianças percebem a diversidade, esse hiato geracional (intervalo entre as gerações, o trabalho tem como objetivo principal analisar as relações entre avós e netos) é capaz de demonstrar as diferenças e torna-las usuais. O que é fundamental para a construção das identidades étnicas e culturais das crianças.

Oferecer a diversidade, nesse caso geracional, para as crianças pequenas e favorecer o convívio das diferentes idades, é oferecer também um ambiente para que as mesmas cresçam quebrando barreiras e estigmas sociais.

Estabelecido essa relação entre avós e netos, apresentaremos agora os relatos entre as avós entrevistadas para o desenvolvimento deste trabalho.

### **3.1. Elca**

A primeira avó entrevistada, nome fictício Elca, encontra-se na faixa etária dos 60 anos. Brasileira, filha de pais e avós poloneses vindos da Europa no final da década de 1920 e início da década de 1930 que se estabeleceram na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

A entrevistada relata suas experiências da infância em uma casa tradicional-religiosa. Relembra de como a religião judaica regia as normas da casa, com rezas, comidas, idas à sinagoga. Comenta sobre o avô, que veio ao Brasil para ser o Shoykhet (Homem judeu religioso responsável por realizar o abate de animais seguindo as normas da Kashrut) da cidade.

Elca revisita sua infância e conta como nasceu e cresceu em um lar de falantes da língua Yiddish. Relata que seus pais, imigrantes poloneses vindos do Shtetl (pequena comunidade judaica, geralmente rural, do leste europeu), tinham o Yiddish como sua *Mame Loschn*, língua materna, e que os mesmo a usavam para falar com seus avós.

Porém, lembra que seus pais já falavam em português com seus tios e outros familiares mais novos. Por mais que viesse de uma família tradicional-religiosa, Elca nos conta com extrema alegria e gratidão, que seu pai mesmo sendo filho de religiosos e obedecendo as normas e condutas do Judaísmo, a colocou na Escola Israelita Scholem Aleichem, reconhecida não só por Elca, como também por parte da *Kehila* (comunidade Judaica), como a “*Escola dos Comunistas*” e “*Anti Sionistas*”.

Nesta escola, Scholem Aleichem, Elca nos diz que havia aulas de Yiddish no quadro obrigatório e não de Hebraico (como acontecerá a partir da década de 1960 e 1970) e que seu pai ainda havia contratado um professor particular de Yiddish para ela após o horário escolar.

Contudo, nos relata como o ensino da língua tinha um peso emocional difícil para ela, como podemos perceber neste trecho de sua entrevista:

*“Além de eu estudar Yiddish na escola, ele ainda me botava professor particular de Yiddish em casa e eu odiava, pra mim, assim, eu não queria aprender Yiddish. Eu não me identificava, eu achava horrível, eu tinha muita vergonha, porque quando eu saía com meus avós, hoje em dia você ser imigrante, agora é uma situação complicada na europa, no Brasil a gente não sente tanto, mas você é acostumado a ouvir muitas línguas na rua, ver pessoas diferentes, mas na década de 1950, 1960, quando eu saía com meus avós, meu avô tinha barba, falavam Yiddish, eu morria de vergonha! Porque as pessoas ficavam na rua ouvindo eles falarem uma língua estrangeira, aquilo pra mim, era muito vergonhoso! Então, eu queria ser igual a todo mundo, eu não queria ser diferente. Então, eu nunca, eu tinha raiva que eu aprendia Yiddish, eu não gostava”.*

Aqui podemos ver como a língua Yiddish trazia para Elca uma situação de desconforto e vergonha quando era falada fora do ambiente doméstico. Como ser relacionado com o diferente através da língua colocava Elca, ainda criança, no lugar do imigrante, do *Outsider* (aquele que vem de fora e não apresenta sentimento de pertencimento), quando o que ela mais queria era se sentir igual a todos a sua volta.

Além disso, Elca nos relata sobre a perseguição aos judeus falantes da língua Yiddish no período do Estado Novo de Getúlio Vargas. Onde, além do projeto antissemita do Integralismo Varguista, muitos eram confundidos com comunistas por causa da língua diferente que muitas vezes era percebida como Russo.

Esse relato vai de encontro com a fala de Clara, ao dizer que na primeira metade do século XX, a língua Yiddish foi intimamente relacionada como algo de esquerda, como “coisa de comunista” e que deveria ser escondida.

### **3.2. Toba**

A segunda avó entrevistada, entrevistada, nome fictício Toba, é uma senhora de oitenta e cinco anos, emigrada da Polônia para o Brasil aos dois anos de idade.

Toba nos conta um pouco sobre sua infância, juventude e vida adulta, relatando sobre como a língua Yiddish era presente em sua casa, escola e vida. Fala como seus pais sempre queriam que ela e sua irmã falassem em Yiddish em casa.

Além de filha de imigrantes judeus, a entrevistada também vinha da Polônia e tinha como língua materna o Yiddish, que era a língua usada por seus pais e irmã. Nos conta que, além da fala dos pais, ela contava com a presença de um professor de Yiddish que frequentava sua casa em Nilópolis (localidade com uma grande população judia onde, existem até os dias atuais, uma sinagoga e um cemitério judaicos).

“boa parte dos imigrantes ganhava o sustento de suas famílias com o pequeno comércio, fosse como mascate, o clientéltchik, fosse como proprietário de armarinhos, lojas de móveis, tecidos ou artigos femininos. Os imigrantes ashkenazitas espalharam-se também por subúrbios como Meier, Engenho Novo, Madureira, Olaria e Nilópolis, em busca de aluguéis mais baixos.” (LIMONCIC, F. 2017. P. 5).

Nilópolis era um centro da vida judaica na primeira metade do século XX. A sinagoga reunia a comunidade para celebração, não só dos feriados judaicos, mas para festas e convívio das pessoas como nos relata Toba,

“Aquilo não era só uma sinagoga. Aquilo era uma sinagoga nos feriados. Fora dos Feriados, era um clube. Por exemplo, eu toquei muito piano com um menino que tocava violino, ele por acaso tem uma loja aqui na Nossa senhora de Copacabana, ele tocava violino e eu tocava piano, sempre a gente tocava. Era um clube, a gente dançava e nas festas era sinagoga. Fora das festas era um clube.”

Além da língua estar presente na casa de seus pais, a entrevistada diz que seu marido - já falecido e com quem foi casada por sessenta anos - era também falante da língua Yiddish. Sobrevivente de Auschwitz, seu marido chegou ao Brasil depois da Segunda Guerra mundial e não falava português. Dessa maneira, a língua Yiddish continuou a ser amplamente utilizada por ela.

“Eu falava com ele em Yiddish porque ele não sabia português. Até que ele aprendeu português e eu aprendi mais ainda o Yiddish. Para conversar era uma coisa muito engraçada. Eu tinha que explicar para ele o que eu estava falando e ele tinha que explicar para mim. Até que eu aprendi muito o Yiddish. Agora, ele gostava muito de ler em Yiddish, ele tinha até um jornal que vinha dos Estados Unidos para ele.”

Ela relata que escolheu a escola Scholem Aleichem justamente porque era a única que ensinava a língua falada dentro de sua casa, tanto na infância e juventude, quanto na vida adulta.

Além das aulas tradicionais de língua Yiddish, Toba diz que as aulas de Yiddishe Geshikhte (História Judaica), também eram lecionadas na própria língua Yiddish.

Diferente de Elca, Toba ensinou Yiddish a suas filhas. Essa era a língua falada tanto em casa quanto na escola que ela e seu marido escolheram para as crianças.

\*

\*

\*

Apesar das grandes semelhanças dos discursos das duas entrevistadas e de Clara, como por exemplo a língua materna falada por seus respectivos pais, como o fato de que todas foram/são casadas com cônjuges também falantes fluentes da língua, e que duas das três são imigrantes, apenas Toba ensinou sua língua materna a seus filhos.

Aqui é gerada uma indagação, não bastou que os casais falassem a língua? Será que a escola teve um papel importante para a manutenção da presença da língua para as crianças?

**Para refletir:**

Aqui, gostaria de deixar claro que não foram encontrados motivos específicos para explicar porque ensinaram ou não Yiddish aos seus filhos e netos. Trabalhar com histórias de vida e entrevistas abertas muitas vezes nos geram mais indagações e questionamentos do que as respostas em si.

Este trabalho teve como principal objetivo abrir uma porta para o estudo e pesquisa de uma língua tão antiga e que carrega consigo tanta cultura, memória e identidade étnico-cultural.

Compreender os motivos sociais, pessoais e históricos para sua (não) utilização e propagação é também tomar para si a responsabilidade de preservar as especificidades de um povo que teve sua história marcada pelo preconceito e pelo genocídio.

Preservar a existência da língua Yiddish e suas variações dialetais como experiência de cultura com adultos e crianças, avós/pais e netos, é literalmente o oposto do que nos foi imposto. Percebo que ao tentar trazer de volta a discussão da importância dessa cultura é dizer que nenhum tipo de preconceito e/ou perseguição ao diferente, qualquer que seja esse, será tolerada.

Como disse uma vez o poeta judeu Yehuda HaLevi, “Mayn hartz iz in mizrakh”, Meu coração está no leste, e é para lá que olho ao participar de um trabalho que tem como responsabilidade trazer de volta a presença da língua Yiddish nas escolas judaicas.

Esse projeto chamado Viver com Yiddish tem como resgatar a língua Yiddish e colocá-la no seu lugar comum, a Educação (principalmente na Educação Infantil). As escolas, ao abrirem suas portas para o Yiddishkeyt (todo espectro da cultura que a língua carrega consigo), favoreceu o espaço necessário para as socializações e construções sociais entre as crianças, seus pares, adultos, professores e familiares.

Ao trabalhar com crianças tão pequenas com as ferramentas musicais e literárias, vejo o quanto essa experiência de cultura é tão importante para o

fortalecimento de identidade num mundo tão homogeneizado pelo processo de Globalização. Processo esse que está intimamente relacionado ao afogamento das diferentes culturas e tradições que se perdem na modernidade.

É nesse panorama que podemos compreender como imigrantes e filhos de imigrantes, fazem tanta questão de aprender o idioma local, desenvolver um sentimento de pertencimento a nova terra se torna não só mais seguro, mas mais confortável socialmente.

Além disso, aprender as novas línguas e linguagens como o Inglês e a informática, tomou o lugar das especificidades das culturas. Dessa forma que entendemos que resistir é o processo oposto. Resistir, revalorizar e ressignificar vai na direção contrária a essa homogeneização, ao mesmo tempo que se apresenta no melhor dos cenários.

É graças à internet e as mídias digitais que essas culturas, como no caso do Yiddish, que se torna tão disseminada e tão amplamente acessível a todos que tenham interesse sobre ela. A internet é o espaço onde todos que tenham acesso a ela podem resistir!

Os espaços físicos e virtuais estão postos, o acesso foi garantido e está sendo espalhado, a força motora agora é torna-la de todos. Junto a isso temos a integração e interação com as gerações mais velhas.

É nesse sentido que a convivência com avós se torna tão necessária, como dito a cima, a convivência com a segunda geração é capaz de quebrar barreiras sociais e preconceitos, tornando a diversidade algo comum e que precisa ser respeitada.

Num mundo onde as relações se tornam tão fluidas e instáveis, o preconceito se mascara como liberdade de opinião e de fala. É no convívio com o diferente e com suas mais diversas limitações e potencialidades que as possibilidades surgem.

As avós entendem isso, principalmente as avós entrevistadas para a realização deste trabalho, que conviveram tão intimamente com a intolerância, preconceito e perseguição.

Ao (re)construírem suas vidas, famílias e memórias elas nos mostram como é possível o recomeço e que para isso não precisamos deixar de lado algo que nos foi passado. O passado não é algo mutável, ele está posto, não podemos esquece-lo ou nos desligar dele, mas a maneira como olhamos para traz, é também um indício de como enxergaremos o nosso futuro e das crianças pequenas.

## Referências bibliográficas:

BELK, Samuel. A memória e a história do 'Shteitl' na canção popular judaica. Tese de Doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica. USP: São Paulo, 2003.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política.** Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BITTER, Daniel. Narrativas de memória e performances musicais dos judeus cariocas da “pequena África”. In: Revista Antropolítica. n. 39, Niterói, p.121-149, 2. sem. 2015.

CAMPOS, J. B. A infância na Colônia de Férias Kinderland: tecendo história, relato e memória. Monografia. Departamento de Educação, PUC-Rio, 2016.

CASTRO, O. P. Velhice que idade é esta? Uma construção psicossocial do envelhecimento. Porto Alegre: Síntese 1998.

CYTRYNOWICZ, H; MIGDAL, Genha (Org.). O conto ídiche no Brasil. São Paulo, Humanitas, 2007.

GOUSSINSKY, Sonia. A música ídiche e seu processo evolutivo. In: LEWIN, Helena (Org). Judaísmo e Cultura: fronteiras em movimento. Rio de Janeiro, Imprimatur, 2013, p. 527-532.

GUINSBURG, Jacó. Aventuras de uma língua errante. Campinas, Perspectiva, 1996.

GUINSBURG. Jacó. O que aconteceu, aconteceu. São Paulo, Ateliê Editorial. 2000.

GUSMÃO, Denise e JOBIM E SOUZA, Solange. A estética da delicadeza nas roças de Minas: sobre a memória e a fotografia como estratégia de pesquisa-intervenção. In: Psicologia & Sociedade; 20. ed. Especial: 24-31, 2008.

FAZOLO, Eliane. Pelas telas do aramado: práticas culturais e pedagógicas na educação Infantil. In: ROCHA, Eloisa Candal e KRAMER, Sonia. (Orgs.) Educação Infantil: enfoques em diálogo. SP, Campinas: Papyrus, 2011.

HARSHAV, Benjamin. O significado do Ídiche. São Paulo: Perspectiva, 1994.

KRAMER, S. Educação a contrapelo. In: JOBIM e SOUZA, S. e KRAMER, S (orgs.) Política, Cidade, Educação. pp. 289-304, 2008.

KRAMER, S. Yiddish como resistência e experiência identitária. Projeto de Pesquisa do Grupo GLYK vinculado ao CNPQ. 2017

KRAMER, S. Propostas pedagógicas ou curriculares da Educação Infantil: para retomar o debate. In: KRAMER, S. (Org.). **Relatório de pesquisa “Formação dos profissionais de educação infantil no estado do Rio de Janeiro”**, 2001.

KRAMER, S. Resistir, sobreviver e viver para contar o holocausto. In: SOUZA, E. C.; BALASSIANO, A. L. Gr; OLIVEIRA, A.M M. (Org.). *Escrita de si, resistência e empoderamento*. Curitiba: CRV, 2014, v. 1, p. 39-53.

LIMONCIC, F. Da praça à praia: os judeus do Rio de Janeiro. 2016.

- MLOTEK, Joseph; MLOTEK, G. Eleanor. Pearls of the Yiddish Song. Miami. The Workmen's Circle, 1988.
- OLIVEIRA, A. R. V. Avosidade: Visões de avós e de seus netos no período da infância. Revista Brasileira Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro. 2010
- SCHWEIDSON. Edelyn. Memórias e cinzas: vozes do silêncio. São Paulo, Perspectiva, 2009.
- SOCHACZEWSKI, Monique. Senhoras progressistas e uma terra de crianças: a história da criação da Associação Israelita Brasileira e da colônia de férias Kinderland. Rio de Janeiro, SENAI, 2007.
- WALDMAN, Berta. O Teatro Ídiche em São Paulo. In Anais do V encontro Arquivo histórico judaico brasileiro. São Paulo, 2014.
- WHITMAN, Ruth (org) An Anthology of modern Yiddish Poetry. WSUni. Press. Detroit, 1996.
- WORCMAN, Susane. Heranças e lembranças – imigrantes judeus no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, CIEC, 1991.
- ZUCKER, Sheva. Ídiche: uma introdução ao idioma, literatura e cultura. (trad. Geni Blank). Ed. Resgate e Memória, vol. I e II, 2008.